

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE LETRAS

CAIO DAS NEVES FERNANDES

ELEMENTOS GRAMATICALIZADOS EM REDAÇÕES DO ENEM

Brasília
2014

CAIO DAS NEVES FERNANDES

ELEMENTOS GRAMATICALIZADOS EM REDAÇÕES DO ENEM

Projeto de pesquisa apresentado como requisito para aprovação na disciplina *Trabalho de Conclusão de curso* e obtenção do título de licenciado em Letras Português na Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof. Dra. Eloísa Nascimento Silva Pilati.

Brasília

2014

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.	4
2	CONSIDERAÇÕES SOBRE GRAMATICALIZAÇÃO SEGUNDO VITRAL E RAMOS (2006)..	5
3	O ITEM <i>VOCÊ</i> E SUAS VARIAÇÕES.....	7
3.1	COEXISTÊNCIA, ESPECIALIZAÇÃO E CONCOMITÂNCIA DOS ITENS <i>VOCÊ</i> , <i>OCÊ</i> E <i>CÊ</i> .	9
3.2	O PROBLEMA DA INTERPOLAÇÃO NO PROCESSO DE CLITICIZAÇÃO.....	11
4.	A GRAMATICALIZAÇÃO DO PRONOME <i>ELES</i>.	12
5	O PROCESSO <i>NÃO</i> > <i>NUM</i> NA FALA.....	14
6	<i>CORPUS</i> DE ANÁLISE.	16
6.1	AMOSTRAS.	16
7	RESULTADOS.	17
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18

1 INTRODUÇÃO.

“A linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro” (SAUSSURE, 2006, p.16). Portanto a linguagem ocorre através de uma fusão entre língua e fala, essa ferramenta não sendo uma estrutura imutável, sofre modificações constantemente durante o tempo. Essas modificações muitas vezes partem do âmbito da fala, que é constituída como um “ato individual de vontade e inteligência” (SAUSSURE, 2006, p.22), e só passa para o âmbito da língua, que é “um produto social da faculdade da linguagem, um conjunto de convenções adotadas pelo corpo social” (SAUSSURE, 2006, p.17) exterior ao indivíduo, quando a mudança se generaliza e se torna necessário ao uso da língua e da gramática. Logo, a língua sempre esteve em um constante processo de mudança, formas velhas são esquecidas para que novas formas na língua possam emergir, esse ciclo é responsável por uma constante renovação, não só na fala, mas também na língua normatizada: a gramática tradicional. Esse processo ocorre de forma lenta durante o tempo, e por meio das necessidades oriundas do meio discursivo. Palavras que possuíam determinado contexto lingüístico acabam, através da necessidade do discurso, sendo empregadas em contextos diferentes, para saciar a necessidade de concretização das formas discursivas. Palavras que antes eram prestigiadas por uma gama de referentes lexicais, se tornam mais engessadas e concretas tendo seu conteúdo lexical mais restrito, tornam-se palavras gramaticalizadas, vazias de conteúdo semântico. Esses processos que passam do âmbito da fala, se rotinizam e passam para o âmbito da língua, ocorre muitas vezes por um processo chamado de Gramaticalização, processo de grande importância para o estudo em questão.

O termo Gramaticalização foi introduzido primeiramente por Antoine Meillet (1948: 131), que considerou o processo de gramaticalização um fenômeno linguístico de natureza propriamente diacrônica, em que ocorria um processo gradual entre as palavras com o passar do tempo, transformando palavras principais em palavras acessórias e por final eram transformadas em palavras gramaticais. Esse processo envolve itens que se comportavam sintaticamente como, por exemplo, substantivos e adjetivos, que são itens lexicais plenos, ou seja, possuem uma grande quantidade de conteúdo lexical, podendo ser inserido em vários contextos lexicais diferentes, e passam com o tempo, através das necessidades discursivas, em palavras com sentido mais concreto, com menos conteúdo lexical, como auxiliares, conjunções, preposições, clíticos e em casos mais avançados de gramaticalização, afixos.

Mesmo não havendo um modelo teórico, com um conjunto de princípios que delimitem e que expliquem os processos de gramaticalização como afirma Vitral e Ramos (2006), será elaborado um pequeno esboço com interpretações acerca de uma teoria da gramaticalização segundo aspectos de um modelo formal, gerativista, em sua fase mais contemporânea, a do modelo Minimalista. Sendo esta uma missão difícil já que o processo de gramaticalização teve sua expansão no contexto funcionalista, como aponta os autores já mencionados.

Levando em consideração a hipótese de que o processo de gramaticalização é característico da mudança linguística, é importante ressaltar o seguinte questionamento que será discutido neste estudo: No atual momento da língua já podemos visualizar a realização de determinados itens gramaticalizados (porém, ainda não normatizados pela gramática) na língua escrita? E como ela é vista pela sociedade?

O problema a ser investigado surge a partir das considerações teóricas a respeito do processo de gramaticalização, portanto será elaborada uma análise com o intuito de investigar se formas gramaticalizadas variadas já podem ser vistas na língua escrita. Este estudo possui como objetivo identificar e analisar se há ocorrências, nas provas de redação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), de itens que sofreram processo de gramaticalização.

A identificação de ocorrências de gramaticalização será restringida a formas variadas de três itens: *você* e *eles* (pronomes) e *não*, (advérbio de negação). Com o intuito de uma verificação de mudança linguística no momento atual, as provas que servirão como amostras, são do exame realizado na data 27/10/2013. O *corpus* será composto por quinze redações, escolhidas de forma aleatória. Essa análise será importante para evidenciar se já está ocorrendo a passagem das formas gramaticalizadas de *você*, *eles* e *não* para a língua escrita.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE GRAMATICALIZAÇÃO SEGUNDO VITRAL E RAMOS (2006).

Com o intuito de estabelecer uma definição formal para o estudo do processo de gramaticalização, embasados nas idéias de Vitral e Ramos (2006), foi necessário interpretar um modelo formal já existente, e para esses autores esse modelo era o da gramática gerativista, sendo mais específico e atual, no Programa Minimalista. O processo de gramaticalização segue um padrão de modificação de um determinado item lexical, essa alteração ocorre tanto no ambiente sintático, quando a palavra perde sua função sintática e

acaba por adquirir outra, quanto no ambiente semântico, quando o item pleno e repleto de conteúdo lexical perde conteúdo semântico, tornando-o mais concreto. E por último no ambiente morfofonológico, diminuindo foneticamente sua estrutura, como por exemplo, na passagem de *Vossa mercê* para *Você*. Esse processo de mudança é apresentado por um modelo criado por Hopper e Traugott (1993: 7 *apud* Vitral e Ramos 2006 p. 20) e muito utilizado no decorrer dos estudos:

(1) *Item lexical* > *Item gramatical* > *clítico* > *afixo*.

Esse processo mostra que o item lexical, que é dotado de conteúdo semântico, vai com o tempo perdendo esse conteúdo, passando de uma palavra mais abstrata para uma palavra mais concreta, esvaziando-se lexicalmente, até se tornar uma palavra gramatical. Essa mudança continua a ocorrer, podendo, devido à alteração semântica e fonológica, chegar a etapa de cliticização, tornando-se um clítico, e em determinados contextos mais extremos pode-se chegar a forma afixal.

Segundo o processo descrito em (1), Lehmann (1982 *apud* Vitral e Ramos, 2006, p.20), acredita que durante esse percurso dois fenômenos devam ocorrer nesse ciclo de gramaticalização, porém essas expectativas são contrariadas mais a frente por Vitral e Ramos (2006). A primeira expectativa é o de gradualidade, ou seja, quanto mais à direita desse ciclo, que é unidirecional maior seria a perda de significado, portanto, quando mais avançado está o processo de gramaticalização, maior é o “esvaziamento lexical” do item; a segunda expectativa está relacionada à concomitância, que é a ocorrência mútua entre o processo de perda de conteúdo semântico com a perda de conteúdo fonético do item. Porém, através de uma análise profunda pode-se notar que essas expectativas não são necessariamente confirmadas.

O questionamento a respeito da gradualidade e da concomitância toma como um dos problemas a expressão que é utilizada muito no ramo da gramaticalização que é, por exemplo, “determinado item **passou de** verbo para auxiliar”. Para conseguir visualizar o porquê que a expressão “passou de”, se referindo a um processo de mudança, é problemático, torna-se importante abordar o conceito de recategorização. O processo de mudança de item lexical para um item gramatical tem sido tratado, pela gramaticalização, como um processo de recategorização. Segundo Vitral e Ramos (2006) a recategorização é um epifenômeno onde é possível enxergar a atuação das operações do sistema computacional, o qual consegue

identificar e coletar itens distintos do léxico, que são também pertencentes a categorias distintas, e “encaixá-los” em um contexto específico.

A gramática interna, portanto, consegue formar arranjos sintáticos que se encaixam com os traços próprios de cada item. Logo, para a gramática gerativa, quando um item está inserido em um contexto, a gramática interna já o inseriu com uma classe gramatical própria daquele contexto, já possuindo, portanto, sua classe pré-definida. Dessa forma, o sistema computacional não enxerga o fenômeno de “recategorização”, portanto, não há uma “mudança” ou “gradualidade” propriamente dita de um item para o outro, e sim itens distintos em contextos distintos, diferentes arranjos para uma mesma forma fonética. Vitral e Ramos afirmam ainda que “o que dá impressão de gradualidade categorial do item é o “olhar” externo sobre a língua” e não o olhar interno, promovido pela gramática gerativa.

A falta de concomitância também pode ser observada como inválida, como podemos visualizar através dos itens *tá* e *está*, ambos são itens que representam um indicador de estado, sendo, portanto, semanticamente idênticos, ou seja, houve uma redução fonética, porém, não houve uma redução semântica como esperada por Lehmann. Outro caso que invalida a questão da concomitância está nos exemplos:

- a) *Ele tem um apartamento*
- b) *Tem muita gente na sala.*

No primeiro exemplo ter indica posse, e com o tempo, passou a indicar também existência, logo houve mudança em seu conteúdo lexical, porém sua forma fonética se manteve.

3 O ITEM VOCÊ E SUAS VARIAÇÕES.

Através da noção adquirida até aqui em relação à gramaticalização, será evidenciado através dos estudos de Vitral e Ramos (2006), uma abordagem sobre a variação da forma plena *Você*. A forma *você*, da qual deriva a forma reduzida *cê*, vem da forma de tratamento *Vossa mercê*, possuindo como forma intermediária *vosmecê* (já abandonada segundo Mattoso Câmara Jr) (1979:94 apud Vitral e Ramos, 2006, p.30). A passagem de *vossa mercê* para *você* ocorreu certamente por um processo de gramaticalização, passou de um item com conteúdo lexical, significando “favor vosso” ou “respeito a alguém superior”, e passa com o decorrer do

tempo, após sofrer gramaticalização, a exercer papel de pronome, através da forma gramaticalizada *você*.

Como já foi mencionado, formas velhas caem em desuso para que formas mais concretas exigidas pelo discurso apareçam na fala. Na atual fase do português Brasileiro as formas ainda utilizadas são: *Você*, *ocê* e *cê*. Porém, Segundo Vitral, suas distribuições não são iguais nos contexto sintático, cada item se comporta de forma diferente na oração.

As distribuições sintáticas das formas *você*, *ocê* e *cê*, aparecem em contextos diferenciados. A forma *cê*, exceto na posição de sujeito, não ocorre com tanta frequência nos mesmos ambientes que a forma *você* e *ocê*, Por exemplo:

(2) **Sujeito:** *Você* pediu pra sair / *Cê* pediu pra sair.

Posição de objeto: Eu amo *você* / Eu amo **cê*

Pós verbal: Foi (v)*ocê* o culpado / Foi **cê* o culpado

Preposto: (V)*ocê* ele não viu / **Cê* ele não viu

Modificado por advérbio: Só *você* tava mentindo / Só **cê* tava mentindo.

Porém, se ambos possuem os mesmos traços, por serem da mesma categoria (pronome), por que o *cê* possui um comportamento sintático distinto dos demais? Diríamos, portanto, segundo Vitral e Ramos (2006), que o *cê* estaria alocado na etapa de gramaticalização, referente ao clítico, em que estaria sofrendo um processo de cliticização, sendo descrita da seguinte maneira:

(3) *Item lexical (Vossa mercê) > item gramatical (Você) > clítico (cê) > afixo flexional (ê)*
(no Goiás ocorre o seguinte fenômeno “Ê besta (Sô!)”).

É importante observar, principalmente, as características fônicas de *cê*, porque é através delas que percebemos que esse item ainda não é um clítico “verdadeiro” como o clítico *se*. Digamos, portanto, que ele ainda está em um processo de cliticização. Ao analisar a veracidade do item *cê* como clítico, acarretaram-se três problemas: Estudos quantitativos mostram que a frequência de clíticos está em queda no português brasileiro falado, então como esta forma inovadora estaria emergindo se os clíticos estão em queda? Outro problema está em frases como “*cê foi culpado*”, teríamos um clítico em início de sentença, fenômeno

restrito a certos contextos; e por último a hipótese prevê a boa-formação de frases tais como “*José cê viu*”, com próclise, porém, essa ideia é rejeitada pelos faltantes.

Com relação ao primeiro problema, apenas os clíticos acusativos estão em queda no português falado, não havendo problemas para a teoria de cliticização da forma *cê*. No que se refere à posição inicial do *cê* em inícios de frase, o autor afirma que em estudos quantitativos de (Tarallo (1983) e Duarte (1995) apud Vitral e Ramos, 2006, p.35) revelam a tendência nominativa natural do item, preenchendo a posição de sujeito. Em relação ao último aspecto, a sentença não ocorre porque a gramática onde o *cê* é produtivo, ou seja, na língua falada, onde em frases simples o clítico sempre está anteposto ao verbo, não é a mesma que admite próclise, que é língua escrita.

Em contrapartida, também existem aspectos que comprovam que o *cê* pode ser considerado como um novo clítico emergindo na língua portuguesa. Existem lugares onde os clíticos, por convenção, não podem ocorrer. O clítico em potencial *cê*, assim como outros clíticos, não pode aparecer topicalizados, como no exemplo, “**Cê ele não viu*”. Não podem ser modificados por advérbio: *Só cê podia subir*; não podem aparecer como resposta única a uma pergunta, como em “- *Quem vai sair?*” resposta “*- *Cê*”. Como uma forma clítica vazias de conteúdo lexical eles são dependentes de outros “hospedeiros”, além disso, não funcionam como complemento de preposição, e não podem ser coordenados com uma forma tônica.

3.1 COEXISTÊNCIA, ESPECIALIZAÇÃO E CONCOMITÂNCIA DOS ITENS *VOCÊ, OCÊ E CÊ*.

Como já foi salientado, as formas pronominais no estudo são itens distintos e possuem uma distribuição diferente uma da outra. É essencial descobrir se esses itens coexistem no momento atual do português brasileiro e também se os itens ocorrem em contextos similares ou se houve, durante o processo de gramaticalização, uma especialização de algum item estudado (mais comentando posteriormente). Para evidenciar essas questões, tomarei como base o estudo quantitativo de Vitral e Ramos a respeito da variação da forma *você* na língua falada. O estudo foi feito pelos autores através de uma entrevista realizada com doze informantes, moradores da cidade de Belo Horizonte – MG.

Em um primeiro momento, os autores tentam responder o primeiro questionamento: Os itens em análise coexistem no momento atual? Através dos dados apresentados pelos

autores, constatou-se que a forma *Você* apresentou 112 ocorrências, a forma *cê* 189 e *ocê* 41. Logo, ficou evidente através desses dados que as três formas ocorrem simultaneamente no discurso, levando a concluir que o surgimento de uma forma nova não acarretou o desaparecimento, necessariamente, das formas mais antigas.

Resta saber se os itens aparecem também em contextos iguais ou se houve especialização, ou seja, se as três formas em questão, que são consideradas itens lexicais distintos, possuem funções sintáticas distintas no discurso. Segundo os dados da análise, a posição de sujeito da oração aloca todas as formas (*Você*, *ocê* e *cê*). Em contrapartida, as posições de objeto são específicas das formas mais plenas (*ocê* e *você*), como dito anteriormente. A forma *cê* é impossível de ocorrer na forma de objeto, pelo fato de não existir ênclise no português falado brasileiro, apenas na forma escrita “domada” pela regra gramatical.

Para detectar se houve processo de especialização, que seria a “redução da variedade de escolhas formais disponíveis assim que os significados assumem maior generalidade gramatical” (Breál, 1991 [1882] *apud* Hopper e Traugott) dois testes foram realizados, verificando-se dois traços semânticos: Referência e animacidade dos itens. Levando em consideração a animacidade, em todos os itens (*você*, *ocê* e *cê*) o referente é sempre um interlocutor possuidor de traço [+humano], logo, ambas as formas possuem traços iguais. Portanto, o quesito animacidade não confirma a hipótese de especialização. Em relação à referência, é normal, devido ao processo de gramaticalização, a forma mais reduzida (*cê*) por ser uma forma gramaticalizada, ser utilizada com referência mais indefinida, e a forma mais lexical (*você*) mais definida.

Através de algumas análises realizadas por Vitral e Ramos (2006), levando em consideração a distribuição dos itens conforme a idade dos interlocutores confirmou-se a ideia de que a forma mais plena foi sim utilizada preferencialmente com referência [+específica], e as formas fonéticas mais reduzidas foram utilizadas preferencialmente com referência [-específica]. Porém, o que se observou também foi que todos os itens ocorrem com ambos os tipos de referência. Um mesmo item foi usado em alguns casos com referência [+específica] e em outros momentos com referência [-específica], ou seja, mesmo a forma plena ocorrendo **preferencialmente** em referenciais mais específicos, ela também ocorre em referenciais menos específicos. Como no exemplo abaixo, onde tanto a o pronome nominativo *se*, quando o clítico *cê*, aparecem como indefinidos:

(4) *Cê* pode visitar sempre esse local.

Pode-se visitar sempre esse local.

Esses resultados enfraquecem, dessa forma, a ideia de especialização. Consequentemente, com enfraquecimento da hipótese de especialização, podemos concluir que se não há especialização sintática dos itens, não houve “mudança” semântica ocorrendo concomitantemente com a perda fonética. Isso evidencia e enfraquece também a ideia que a perda fonética é concomitante à perda semântica, como apontando no último questionamento.

Outras análises foram feitas especificamente com o item *cê*, conforme sua distribuição em relação ao verbo. Na fala dos interlocutores, o *cê* 84% das vezes apareceu de forma contígua ao verbo, o que é uma das características que define os clíticos, porém em 16% das vezes esteve em posição não contígua ao verbo e sim interpolado, caso impróprio para os clíticos (que será explicado na próxima sessão) sendo categorizado como um clítico fonológico, e não um clítico sintático.

3.2 O PROBLEMA DA INTERPOLAÇÃO NO PROCESSO DE CLITICIZAÇÃO.

Para analisar o item *Cê* como um provável clítico emergente, deve-se levar em consideração a seguinte questão: se *Cê* é um clítico, ou se encontra num processo de cliticização, por que ocorre em orações como “*Cê* não pode fazer isso!”? Onde existe, na oração, uma partícula negativa interpolando a contiguidade entre o clítico e o verbo. E tendo como pressuposto que uma das características que definem um item como clítico é a sua contiguidade com o verbo, e que a interpolação entre esses termos já não é vista mais no português brasileiro.

O fenômeno de interpolação que ocorre entre clíticos e verbos existia de forma ampla no português arcaico, porém, com o passar do tempo esse fenômeno se extinguiu, não sendo mais visto no português atual. Portanto, a chave da questão é: como explicar a interpolação do clítico *cê*, se este não mais existe no PB? Para responder essa questão, foi realizada uma comparação entre a trajetória de uma forma clítica incontestável, como *se*, e fazer uma comparação com o provável clítico *cê*, observando o processo de cliticização de ambos e traçando um paralelo.

Vitral e Ramos (2006) fazem uma importante colocação, ao afirmar que um item não deve deixar de ser clítico por sofrer interpolação, pois esse item em seu caminho no processo

de cliticização pode ter percorrido um caminho que em algum momento admitiu-se o processo de interpolação.

Mas por que comparar o *se* com o *cê*? Para responder a essa questão foram propostos dois motivos. O primeiro é que ambos os clíticos possuem caso nominativo, ou seja, podem fazer papel de sujeito da oração. E o segundo motivo está relacionado ao percurso histórico de ambos, já que os dois itens sofreram processos de gramaticalização.

O processo de interpolação era muito amplo no português arcaico, como já dito, sendo até mais frequente que as estruturas não interpoladas. Entretanto, esse fenômeno entra em declínio a partir do século XV, deixando de existir no português atual, ficando restrito à prosa de alguns escritores portugueses.

Porém, não podemos concluir que pelo motivo de *cê* admitir a interpolação, deixa de se comportar como clítico. O item que sofre cliticização, em um primeiro momento, nesse processo, apresenta-se como projeção máxima na oração, como afirma Vitral e Ramos. Porém, com o tempo, ocorre, devido a uma regra de movimento, um deslocamento do clítico, movendo de uma projeção máxima para uma posição de núcleo, chamado de fenômeno de “atração”, por Chomsky (1995: 297 apud Vitral e Ramos, 2006, p. 107), que categorias gramaticais que atraem itens pertencentes a outras categorias gramaticais passam a se alocar, através de deslocamento ou inserção, nas posições previstas pelo domínio de atração das categorias gramaticais “atratoras”.

Esse fenômeno é a chave essencial para o entendimento do porque o *cê* admite a forma interpolada. A forma *cê* está em processo de cliticização, estando ainda em um estágio desse processo, onde o clítico é projeção máxima na oração, ocupando posições referentes à projeções máximas que admitem a interpolação. Diferentemente do caso de *se*, que já está em um processo de cliticização a séculos e está em um estágio mais avançado, já tendo passado pelo estágio de projeção máxima e está agora na forma de núcleo por ter sofrido “atração”, aparecendo agora na forma adjunta ao núcleo e não admite mais interpolação.

4 A GRAMATICALIZAÇÃO DO PRONOME *ELES*.

Outras formas que serão estudadas que sofreram processo de gramaticalização são as formas pronominais de terceira pessoa *Ele(s)/Ela(s)*, que apresentam como formas reduzidas os itens gramaticais *el/éa/es*. Suas formas de uso são representadas no exemplo:

- (5) E *el* falou que eu não podia mais dar aula.
 E *ele* falou que eu não podia mais dar aula.
 O albergue ‘tava lotado, *eis* não registravam mais ninguém
 O albergue ‘tava lotado, *eles* não registravam mais ninguém.
 Se não fosse eu, *éa* tinha matado a colega
 Se não fosse eu, *ela* tinha matado a colega

Terá foco maior a forma variada *es*, que vem de *eles*, mais utilizada no português brasileiro, em comparação com as formas variadas *el* e *eá*. A forma variada *es* possui particularidades interessantes, que partem da sua forma individual como afixo para o âmbito da oração, possuindo capacidade de transformar a oração em que está inserida.

A Primeira questão interessante a respeito dessa forma variada diz respeito à concordância do gênero. Os pronomes plenos, como muitos já sabem, concordam em gênero com o antecedente, como no exemplo:

- (6) Encontrei **as crianças**. **Elas** estavam cansadas

Porém, a forma variada *es*, possuindo um antecedente tanto masculino como feminino, é sempre retomado pela forma masculina por esse item, e sempre no plural. Como no exemplo:

- (7) Tem **a turma** que você fica rezando pra **ê**s te chamá pra dançar.
O povão es fazem assim mesmo.

Através dos dados analisados por Vitral e Ramos (2006), o gênero masculino favorece, portanto, as formas reduzidas com referências indefinidas, principalmente quando aplicadas na função de sujeito. Em relação ao sujeito, outra questão importante é levantada, em muitas ocasiões não há concordância do sujeito, quando ocorre na forma gramaticalizada, com o verbo. As formas plenas concordam com o verbo no plural, em contrapartida, na forma reduzida o verbo fica na terceira pessoa do singular, não havendo tal concordância. Como no exemplo abaixo:

- (8) **Es** inventa um bocado de coisa.

Segundo Vitral e Ramos, pronomes não fortes, como os pronomes gramaticalizados, “compensam” a desinência verbal, exercendo o papel da desinência. Logo, essa perda de desinência está associada ao surgimento dos pronomes fracos no Português Brasileiro. O pronome *ele*, ao se tornar mais gramatical, perde traços de pessoa e gênero com o passar do tempo, sendo representado melhor da seguinte forma:

(9) $+pess + g\hat{e}n + n\acute{u}m > -pess + g\hat{e}n + num > -pess -gen + num$

5 O PROCESSO *NÃO > NUM* NA FALA.

Nessa sessão será estudada a forma *não* (advérbio de negação) e sua forma gramaticalizada *num*, encontrada muito na língua popular brasileira. As construções em que a partícula negativa está presente são categorizadas devido a sua posição perante o verbo. Sua posição pode ser pré-verbal como apontado em “a”, pós-verbal como em “b”, ou possuindo duas ocorrências, chamado de negação dupla, possuindo dois itens, uma em posição pós-verbal e uma pré-verbal, estrutura muito vista na região nordeste.

- (10) a. *E se eu não sou formada hoje.*
 b. *Acredito não.*
 c. *Que eu não concordava com aquilo não.*

Será levada mais em consideração as estruturas pré-verbais ou simples negação e a dupla negação, por possuírem uma incidência maior na língua. O objetivo é evidenciar o estatuto de clítico da forma *não*, que como o autor afirma, já é considerado um quase-clítico, por ser pré-verbal e poder ser reduplicado. O processo de variação, que ocorreu na partícula *não* para *num*, segundo indícios, resulta de um processo de cliticização.

Os autores se embasam em alguns indícios que configuram essa categoria de clítico da forma *não*, dentre elas: A não posição final na sentença; posição pré-verbal; presença de quantificadores do tipo “ninguém” e “nada” na mesma sentença; contiguidade do item com o verbo, sem interpolação; necessidade de um hospedeiro a qual deve se ligar à direita; não possibilidade de ser modificados por itens como “mesmo” dentre outros.

O item *não* é considerado, na gramática gerativa, uma palavra funcional (ou gramatical), núcleo de uma projeção máxima, enquanto o item *num*, por se juntar a um hospedeiro e ter características átonas, possui características de clítico.

Para evidenciar algumas das características que afirmem a característica de clítico para a forma *num*, Vitral e Ramos (2006), elaboraram um estudo quantitativo envolvendo uma entrevista com nove pessoas, classificando em três faixas etárias distintas. Nessa entrevista houve 769 ocorrências, sendo 425 *não* e 344 de *num*. Através do estudo das ocorrências, os autores evidenciaram que as partículas presentes à esquerda do item *não* alteram a realização da partícula negativa, apenas os itens que se ligam à direita. Isso deixa claro o caráter pré-verbal do item *num*. No estudo também pode-se concluir que em ambientes que possuem uma pausa anterior à partícula negativa desfavorece muito sua ocorrência (0,3 de probabilidade), evidenciando seu caráter foneticamente não autônomo. A probabilidade, em contrapartida, aumenta quando a partícula está precedida por verbo não-auxiliar.

O próximo objetivo é saber que tipo de oração contém o item em análise. Vitral e Ramos afirmam que orações subordinadas desfavorecem a ocorrência de *num*, pois essas formas variadas, segundo eles, ocorrem com mais frequência em orações principais e absolutas. Essa ideia é reafirmada no estudo quantitativo, através dos dados apresentados, em que a maior frequência do item *num* ocorreu nas orações principais e absolutas, e a menor nas subordinadas.

Para verificar se essa variação se constitui como uma mudança em progresso foi considerada no estudo a faixa etária dos entrevistados e pode-se concluir que: a frequência maior da forma nova *num* foi entre os mais jovens, com a porcentagem de 84,2% das ocorrências, sendo, portanto, classificada como uma forma inovadora. Porém, também foi vista entre os medianos e os mais velhos com 50,6% e 37,7% respectivamente, sendo, portanto uma variação em progresso.

O último fator testado foi a presença do quantificador (nada, ninguém) e a possibilidade disso favorecer a ocorrência de *num*. E, através dos dados, com 64% dos casos o item *num* foi favorecido, como já estimava as expectativas de desfavorecimento do item pleno negativo, pois os quantitativos por si só já contém uma negação.

No estudo levou-se em consideração também o processo de distribuição e mudança nas negativas simples e negativas duplas, sendo que, notou-se um aumento crescente nas negativas duplas, concorrendo diretamente com as negativas simples. Os dois tipos de negação, segundo o autor, foram afetados pela cliticização negativa, ou seja, tanto as

negativas simples como as negativas duplas sofreram alteração do item *num*, sendo melhor representado da seguinte maneira: [Não>Num] e [Não V Não> Num V Não].

6 CORPUS DE ANÁLISE.

As amostras selecionadas para o corpus de análise foram quinze (15) redações do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), essas redações selecionadas foram realizadas na data de 27/10/2013. Essas redações foram selecionadas de forma aleatória dentro de um database composto por cem (100) redações, onde foram retiradas quinze (15) redações, para a análise detalhada. Essas redações foram disponibilizadas pelo INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas, através de solicitação para trabalho de pesquisa na área de linguística.

7 AMOSTRAS.

TABELA I. OCORRÊNCIA DAS FORMAS PLENAS *ELES*, *VOCÊ* E *NÃO*.

Numero	Numero na database	Eles	Você	Não
01	08	0	0	2
02	12	0	0	2
03	13	0	0	1
04	23	0	1	0
05	29	0	0	3
06	30	0	0	6
07	41	0	0	2
08	42	0	0	2
09	63	0	0	3
10	74	0	0	1
11	95	0	0	0
12	96	0	0	2
13	79	0	0	0
14	88	0	0	2
15	68	0	0	2
TOTAL		0	1	28

TABELA II. OCORRÊNCIA DE FORMAS GRAMATICALIZADAS DE *ELES*, *VOCÊ* E *NÃO*.

Numero	Numero na database	Eles	Você	Não
01	08	0	0	0
02	12	0	0	0
03	13	0	0	0
04	23	0	0	0
05	29	0	0	0
06	30	0	0	0
07	41	0	0	0
08	42	0	0	0
09	63	0	0	0
10	74	0	0	0
11	95	0	0	0
12	96	0	0	0
13	79	0	0	0
14	88	0	0	0
15	68	0	0	0
TOTAL		0	0	0

8 RESULTADOS.

Segundo dados da tabela I, podemos visualizar a grande ocorrência do advérbio de negação, ocorrendo vinte oito (28) vezes no total, correspondendo à porcentagem de 96,55% das amostras, em contrapartida, as formas pronominais você e eles tiveram pouca ou quase nenhuma ocorrência nas amostras, sendo 0% o valor correspondente de Eles, e 3.45% a porcentagem de ocorrência do pronome Você. Observando a tabela II podemos verificar que em todos os itens estudados não houve nenhuma incidência de forma gramaticalizada. A falta de incidência comprova o caráter marginal que estruturas variadas, as quais não se adequam ainda à forma padrão possuem na sociedade.

Como já foi abordada, a língua está em frequente mudança, formas novas substituem formas antigas que já não condizem com a necessidade da língua. A gramática, parte normativa da língua, é muitas vezes estática e possui uma velocidade de mudança muito lenta, diferentemente do que ocorre com a língua falada, que está em processo constante e acelerado de mudança. O processo de gramaticalização é muito visível em estudos da fala de

interlocutores, porém, quando falamos em um estudo de gramaticalização de itens que ainda estão trilhando seu percurso de mudança na língua escrita normatizada esse processo se torna muito difícil de ser enxergado. Quando se trata de avaliações, como as analisadas no presente artigo, a língua normatizada e engessada é o que prevalece, e as variações, portanto, são erroneamente motivos de perda de pontos na avaliação, tornando-se estruturas marginalizadas e “desviadas”. Portanto, o maior empecilho na visualização de itens que sofreram processo de gramaticalização é que ainda não foram aceitos pela gramática normativa. É muitas vezes culpa da gramática normativa e do conceito marginalizador da sociedade que não veem as mudanças linguísticas como algo natural da língua. A mudança linguística, portanto, é algo natural que ocorre com grande rapidez na língua, resta às pessoas estarem cientes que essas mudanças, como por exemplo, trocar o *você* por *ocê*, são fenômenos que ocorrem através das necessidades do discurso em concretizar suas relações comunicativas, e que a gramática normativa não consegue acompanhar essas mudanças. É compreensível a suposição de que deve-se haver o mínimo de rigidez na língua falada, caso contrário a língua escrita viraria uma balburdia total, porém, o uso de formas variadas não deve ser tratado de forma marginalizada, ou como “Empobrecimento” da língua, como dito no trecho acima e aceita por muitas pessoas. Deve-se por em mente que velhas formas são apagadas para que novas formas possam emergir.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No atual artigo desenvolvi ideias a respeito das formas gramaticalizadas nas provas do Enem, buscando compreender se o processo de gramaticalização dos itens plenos *você*, *não* e *eles* já poderiam estar sendo sentidas na língua escrita. Com o intuito de responder essa questão, realizei uma pesquisa em que analisei provas de redações do Exame Nacional do Ensino Médio, buscando encontrar nessas redações formas variadas dos itens lexicais plenos.

Foram apresentados princípios formais que regem a gramaticalização, moldada por uma abordagem gerativa, de Vitral e Ramos (2006), em que foi evidenciado o conceito de gramaticalização, na ótica desses autores, e abordados os motivos que levam as formas *você*, *eles* e *não* a variarem, ou seja, se tornarem itens gramaticais.

Foi comprovado, através da análise do *corpus*, que o uso de formas variadas dos itens estudados ainda não alcançou o âmbito da escrita, evidenciando que em documentos

avaliativos, como as redações utilizadas para estudo, a norma padrão se sobressai , superando as mudanças linguísticas e engessando dessa forma o aparecimento dessas variações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUARTE, M. E. L. *A perda do principio “Evite pronome” no PB*. In: VITRAL, L.; RAMOS, J. *Gramaticalização: Uma abordagem formal*. 1 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Belo horizonte: Faculdade de Letras FALE/UFMG, 2006.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. In: VITRAL, L.; RAMOS, J. *Gramaticalização: Uma abordagem formal*. 1 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Belo horizonte: Faculdade de Letras FALE/UFMG, 2006.

LEHMANN, C. *Thoughts on Gramaticalization. Programmatic Sketch*. In: VITRAL, L.; RAMOS, J. *Gramaticalização: Uma abordagem formal*. 1 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Belo horizonte: Faculdade de Letras FALE/UFMG, 2006.

MATTOSO CAMARA JR., J. *Historia e estrutura da língua portuguesa*. In: VITRAL, L.; RAMOS, J. *Gramaticalização: Uma abordagem formal*. 1 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Belo horizonte: Faculdade de Letras FALE/UFMG, 2006.

MEILLET, A. VENDRYES, J. *Traite de grammaire comparee des langues classique*. In: VITRAL, L.; RAMOS, J. *Gramaticalização: Uma abordagem formal*. 1 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Belo horizonte: Faculdade de Letras FALE/UFMG, 2006.

SAUSSURE, F. *Curso de Língua geral* / Ferdinand Sausurre; organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger. – 27. Ed. – São Paulo: Cultrix, 2006.

TARALLO, F. L. *Relativizacion strategies in Brazilian Portuguese*. In: VITRAL, L.; RAMOS, J. *Gramaticalização: Uma abordagem formal*. 1 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Belo horizonte: Faculdade de Letras FALE/UFMG, 2006.

VITRAL, L.; RAMOS, J. *Gramaticalização: Uma abordagem formal*. 1 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Belo horizonte: Faculdade de Letras FALE/UFMG, 2006.